

Traduções portuguesas de Virgílio

Aires Augusto Nascimento

Já a seu tempo, com argumentos que importaria não esquecer, mas actualizar, Fidelino de Figueiredo chamou a atenção para o significado cultural das traduções dos textos da Antiguidade Clássica.¹

Produção menor no conjunto de uma obra literária, raramente elas se impuseram à consideração de críticos e historiadores da literatura,² mas nem por isso podem ficar esquecidas, e constituem um dado indispensável, à falta de tantos outros, para aquilatar (tanto pelo que revelam, como pelo que ocultam) a perdurabilidade do interesse pelos textos clássicos entre nós. Se, em determinado contexto cultural, poderão denunciar (por vezes explicitamente até) um público menos conhecedor da língua original, não traduzem menos, no seu conjunto, e seja qual for o mérito específico individual, um interesse consciente de quem se revê no autor traduzido, interesse, de resto, que importa não reduzir a um âmbito pessoal, pois a tradução não pode interpretar-se como acto isolado, já que supõe, necessariamente (no simples nexos do processo da comunicação entre emissor e receptor) um público que a acolhe, a recebe e lhe dá razão de ser. Neste aspecto, seria útil conhecer as tiragens das diferentes edições e compará-las com as médias do tempo.³

A busca dos motivos que possam estar na origem de tal fenómeno de tradução dar-nos-ia porventura um panorama bastante diversificado, desde quem se entrega à tarefa para entreter momentos de ócio, animado ou não por sentimentos de patriotismo e desejo de enriquecimento da língua pátria (estimulado e desafiado por exemplos vindos de além fronteira), até quem o faz por emulação literária (o que leva a teorizações no domínio da poética da tradução, que conviria recolher e comparar com outros dados, próprios ou alheios⁴ ou também como resultado ou em função de uma actividade docente, para já não mencionar outros objectivos mais utilitários, que nos colocariam fora do domínio literário.⁵

Em todos os casos, porém, e embora com inflexões várias, encontraríamos uma persistência, longa e continuada, de uma entranhada devoção (dê-se ao termo o valor etimológico que lhe cabe, mas não se esqueçam os valores afectivos que contém) pelos textos clássicos.

Importante seria igualmente identificar a bagagem científica com que cada um dos tradutores parte para o seu trabalho. Metodologicamente, tal prevenção impõe-se em qualquer discussão dos processos e resultados finais da tradução, particularmente se se pretenderem formular juízos de valor devidamente situados e pelo menos

tão ponderados como a obra que se pretende arguir. Acabariamos certamente por concluir que cada tempo está representado a seu modo, o que nos daria uma perspectiva da exegese filológica entre nós. Por outro lado, é frequente cada tradutor invocar as razões estéticas mais actuautes no seu meio, como justificação do uso que faz da linguagem em ordem a tornar o texto acessível e recomendável ao público a que se destina, sem diminuir, tanto quanto possível, a força do original. A diferença entre o imitador e o tradutor, de resto, reside, em grande parte, num grau de maior consciencialização dos dados linguísticos da língua de origem e da língua terminal. Isso, independentemente dos resultados obtidos, pois juízo crítico não significa necessariamente capacidade de reformulação equivalente no plano poético.

O estudo dos processos utilizados na tradução dar-nos-ia, pois, (e talvez tanto mais explicitamente quanto os vários exemplos fossem analisados por via comparativa e fosse explorada a conjugação do plano linguístico e do plano poético), as variantes de leituras feitas, ao longo dos tempos, sobre os textos clássicos. Com infidelidades? Importaria que, no julgamento destas (eventualmente existentes) se evitasse o erro metodológico de julgar o todo pelo parte; não que não continue de pé o axioma do *bonum ex integra causa, malum ex quocumque defectu*, mas não vá a árvore esconder a floresta, e não aconteça que, a pretexto de lançar fora a água do banho se atire também com a criança... De resto, na perspectiva de reconstituir a imagem que um determinado tradutor (e com ele um determinado tempo) fez de um autor clássico, importa menos olhar a um pormenor errado (mas, ainda aqui, não queiramos transpor anacronicamente aquisições recentes para séculos atrás⁶) que atender ao conjunto da mensagem pressentida, traduzida e comentada.

Possível estabelecer linhas de continuidade entre os vários tradutores que se vão seguindo? Seria uma pista a explorar também, embora talvez com resultados desiguais. Efectivamente, se, por vezes, deparamos com referências explícitas a traduções anteriores e até a aproveitamento das mesmas⁷, mais frequentemente é por via de oposição que tais referências aparecem. Casos mais raros são os de traduções continuadas por outros.⁸ O tradutor, boa parte das vezes, surge em atitude de desafio aos seus críticos. A imagem tradicional é de que estes são impiedosos, por inveja. Mas a luta trava-se mais em redor de valores estéticos que de fidelidade linguística. Valeria, no entanto, a pena retirar o que é tópico em tais domínios, e distinguir do que é pressuposto pela retórica de apresentação o que constitui juízo efectivo da crítica.

Frequentemente nos encontraríamos também aqui no embate de gerações diferentes em que actuam critérios largamente diversificados, mas que simultaneamente documentam uma continuidade na utilização de determinada obra. Que em 1761 se reedite a tradução das Bucólicas e das Geórgicas feita por Leonel da Costa em 1624 poderá isso representar um sinal de apreço contestado um século mais tarde, mas quer uma atitude quer outra nos remetem para um contexto em que a

própria perdurabilidade de uso é significativa, que mais não seja por ausência de um substituto.⁹

Onde, quando, e por quem, e com que fim, começou entre nós a actividade do tradutor clássico? Que sequências e que quebras é possível reconhecer ao longo do tempo? Como se integra essa actividade no contexto literário e cultural dos vários períodos históricos?

Faz-nos falta um levantamento exaustivo, preciso e metódico,¹⁰ em que se englobassem mesmo os exemplos menos significativos.¹¹ Com ele poderíamos possivelmente reconhecer que antes da tradução, consciente dos seus processos e do distanciamento que a separa da obra de origem, existiu a imitação, processo que (desnecessário será lembrá-lo) consiste em algo mais que na transposição livre de um conteúdo, a que se presta adesão, para uma forma literária nova, em língua vernácula, e sobretudo se situa nos limites da criatividade pessoal. A marca de dependência ou subordinação, implícita no trabalho do tradutor, aparece posteriormente.

Fixemo-nos no elenco que conseguimos organizar para as traduções de Virgílio em língua portuguesa, cujo manuseio, no enquadramento das celebrações em curso do bimilenário da sua morte, nos serviram de base para as reflexões que vimos fazendo.

Imitações, ou ainda formas mais longínquas de reminiscência ou simples alusões, podem referenciar-se no *Boosco Deleytoso*, na *Vida e Feitos de Júlio César* (se bem que aqui estejamos perante um fenómeno indirecto a partir do francês, o que não serve para documentar o conhecimento imediato da obra virgiliana, embora não o exclua), em Anrique da Mota, que se refere à "lingoa virgiliana", em Luiz Anriques, a apoiar-se n' "el prudente Virgilio", em Duarte de Brito, que contamina Virgílio e Ovídio para a sua visão do Inferno,¹² em Vasco Fernandes de Lucena, que acolhe a mensagem da 4ª égloga virgiliana.¹³

Mas é sobretudo com a entrada de padrões renascentistas italianos que a sua influência se faz sentir mais ao vivo. Na égloga, está presente de forma predominante, posto que não exclusiva, nas *Aeclogae* de Henrique Caiado, impressas em Bolonha em 1496.¹⁴ E continua-se em Sá de Miranda, António Ferreira, Bernardim Ribeiro, e, de uma maneira ou de outra, em todos os bucolistas de Quinhentos: Camões, Diogo Bernardes, Frei Agostinho da Cruz...¹⁵

Será necessário também um tratamento sistemático dos nossos humanistas que escreveram em latim para reconhecer em que medida são sensíveis à leitura de Virgílio.¹⁶

A tradução em português das obras do Mantuano está registada apenas a partir de 1624, com atraso de séculos relativamente ao que se passa com outras línguas; inversamente a estas, começa-se pelos poemas menores de Virgílio, as Bucólicas e as Geórgicas.¹⁷

Abre o elenco dos tradutores virgilianos Leonel da Costa, um antigo militar, agora entregue às funções de magistério, que à emulação no amor pela língua pátria vai buscar a justificação do seu trabalho pioneiro neste domínio. No prólogo, sublinha o carácter de novidade do empreendimento: "quis tomar à minha conta abrir novo caminho à tradução do Príncipe dos Poetas; digo novo caminho porque na nossa língua portuguesa até hoje se não sabe quem o abrisse". "Obrigou-me a isto ver que quási todas as nações que não ignorarão a língua latina, traduzirão todas as obras que nela estão scriptas, nas suas vulgares; sendo algũas tão rasteiras, que quási não têm mais que o louvor da honesta ocupação; só na nossa, não sei se por desconfiada, se por demasiada altiva não vemos nenhuma; ou se as há, são tão raras, que quási não temos delas notícias".¹⁸ Deseja, além do mais, com o seu "apagado engenho, ver se podia despertar os vivos a que entrem em semelhantes empresas para mostrarem ao mundo que a nossa Lusitânia não só é próprio domicílio de Belona, mas também de Minerva".

O repto lançado por Leonel da Costa não tem seguimento imediato, e ele próprio utilizará outros argumentos de motivação ao escrever, em 1638, proémio para a sua tradução da *Eneida*.¹⁹ Estranhar-se-á até que eles sejam diferentes dos que aparecem referidos, em maior concordância com o seu tempo, por D. Marcos de S. Lourenço (Bibl. Ajuda, Ms. 46-VIII-40), que, em 1633, reconhecera a necessidade de traduzir o poema maior virgiliano para comentar correctamente os *Lusíadas*. Tais argumentos, porém, serão reunidos (sem referência a alguma, de resto) por João Franco Barreto, ao apresentar a sua *Eneida Portuguesa*, em 1964, o que denota como Leonel interpreta um sentir colectivo que levará tempo a modificar.

O trabalho de Leonel para as Bucólicas e as Geórgicas vai permanecer isolado por mais de um século, e será apenas após a reedição da obra em 1761 que podemos assinalar nova tradução para as Bucólicas, da autoria de Francisco José Freire (Cândido Lusitano). Infelizmente, no manuscrito que se conserva ignorado na Academia das Ciências (Ms. Az. 166) não existe qualquer prólogo que nos certifique das motivações que possam estar na origem deste trabalho. Mas se para a *Eneida* (Academia das Ciências, Ms. Az. 162-165), Cândido Lusitano toma pé nas falhas de João Franco Barreto, será de admitir que, embora não o declare, também a tradução de Leonel o despertara para o trabalho idêntico, ainda que sem o aparato de notas e comentários que o seiscentista acrescentara.

José Anastácio da Cunha deixava-nos, entretanto, um passo das Geórgicas traduzido (efectivamente trata-se de *Georg.* II, 458-490 e mais dois versos, II, 539-540); e pela mesma época, com data de 1781, são as Geórgicas objecto de nova tradução, desta vez pelo bacharel Manuel Bernardes da Silva Portilho, desembargador do Paço, a quem a amizade com Fr. Plácido Barroco valeu salvar o manuscrito, deixado em borrão e por este religioso da Terceira Ordem de S. Francisco copiado "com toda a fidelidade", e depois integrado na biblioteca de Fr. Vicente Salgado, do Convento de Jesus, de onde passou para a Academia das Ciências (ms. V. 210; cfr.

igualmente Ms. V. 808 e 809). A julgar pelo que escreve no prólogo Fr. Plácido, os merecimentos desta tradução seriam largos. "Não se pode dar metrificação mais perfeita; acha-se sempre o original traduzido sem escravidão e ao mesmo tempo sem paráfrases e sem idiotismos; a linguagem é puríssima. Ninguém achará um verso duro, ou com licença, no que é tão diferente do nosso antigo tradutor Leonel da Costa, onde apesar do seu meracimento não custarão a achar dúzias de versos sem liberdade ou durezas".

A valorização poética, ou ao menos métrica, fazia assim sobressair um critério, deixando como dado adquirido a fidelidade ao texto virgiliano. Baste, porém, atentar nos versos iniciais do poema:

*Quando alegre as searas, e em que tempo
Convenha revolver a terra, e as vides
Aos olmos abraçar; logo a maneira
Por que o gado se cria e se conserva;
Mais das parcas abelhas o trabalho:
Daqui, Mecenas, a cantar começo.*

Quanto à fidelidade, seja lícito sublinhar que Leonel da Costa tentara expressar a plurivalência de *laetus*, recorrendo ao desdobramento ("alegres e abundantes", no texto; "fértil e abundantes", no comentário), Mas Leonel é parafrástico, enquanto que Portilho procura a concisão.

Alguns anos após o trabalho de Portilho, é a recém-criada Academia Real das Ciências que vem propor, em sessão de 4 de Julho de 1786, presidida por Caetano do Amaral, uma tradução das Geórgicas, estabelecendo um prémio para a "Tradução Portuguesa das Geórgicas de Virgílio em prosa, ou em verso, ilustrada e suprida não só com a explicação filológica e poética que parecer competente, mas com a doutrina e notícias que nos deixaram outros autores naquela matéria, especialmente as que pertencem, ou puderem ser aplicadas no nosso País, fazendo-se, sempre que tiver lugar, a dita aplicação com as averiguações, e exame do que nele se pratica". *A Gazeta de Lisboa*, de 8 de Julho de 1786 (único lugar onde conseguimos ler esta notícias, pois em vão procurámos as Actas das Sessões da Academia daquela data) esclarece (e há razões para julgarmos que se transcreve o que fora lido em tal sessão como "programa" pelo Secretário) que "havendo naquele assunto duas memórias, que desempenhem à satisfação da Academia, serão ambas premiadas com prémios do valor ordinário de 50\$000 reis cada um, ainda que não contenham mais que a tradução de um só livro, qualquer que seja: e advertida também a circunstância que sendo as traduções em merecimento iguais, terão preferência as que forem feitas em verso, ou em prosa e verso".

O prémio é proposto para 1789, mas a primeira resposta chega da Baía, logo em 1787, por mão de Manuel Dionísio de S. José, que daquela cidade remete à Academia a *Tradução do 1º livro das Geórgicas de Virgílio* (Acad. Ciências, Ms. Az. 208), prometendo, caso consiga a aceitação por parte dos Académicos, "fazer com

que me venham à mão os melhores comentos das Geórgicas que me hajam de fornecer notícias suficientes para os outros três livros que continuarei a traduzir, se for do gosto de VV. SS. e havendo de suprir-se as notas que pertencerem ao país de Portugal por sujeito que tenha as notícias que para isso me faltam".

É apenas de 1790 a nova tradução das Geórgicas que vamos encontrar no Fundo da Academia das Ciências (ms. Az. 343). É anónima e apresenta-se ao concurso dos prémios da Academia, constituídos, como se lê no prólogo, por "quatro medalhas de prata da mesma grandeza e cunho que as de ouro dos prémios ordinários" propostas pela dita Academia para as "quatro melhores composições poéticas que não sejam epopeia, tragédia ou comédia". Estimula-o a lembrança de que "este mesmo assunto já fora proposto com outro prémio". Faltam-nos aqui, como no manuscrito anterior, as censuras da Academia, e também agora não fomos melhor sucedidos na busca das Actas das Sessões em que houvesse qualquer referência aos factos mencionados.²⁰

Em 7 de Junho de 1794, determinava a Academia que não se propusessem mais prémios pequenos de Poesia. Porém, nesse mesmo ano, aparecia impressa a tradução das Geórgicas por António José Osório de Pina Leitão, cujo manuscrito passara também pela Academia (Ms. Az. 575) em data que não nos é possível precisar, mas cuja existência nos fundos da Academia nos remete para o contexto acabado de referir. Relativamente à edição impressa, apresenta o manuscrito um proémio e notas de comentário. Nesse proémio recorda Osório (tal o nome com que mais tarde o seu autor será citado) que a Academia Real das Ciências propusera a tradução das Geórgicas "por duas vezes para um dos prémios que anualmente distribui; como porém os nossos filólogos não quiseram na primeira vez empregar-se no trabalho da tradução proposta e instando segunda vez a Academia ao menos pela tradução de um só livro, eu empreendi este trabalho, do qual muitas vezes desisti depois de o ter começado". Etriba-se nas regras enunciadas por Cícero para a tradução, "não traduzindo palavra por palavra, mas conservando o sentido e força delas", "a fim de conseguir que Virgílio falasse português". E informa: "quanto pude procurei ilustrar o texto não só no que pertencia à parte filológica, mas muito principalmente no que tocava às regras de agricultura; tiradas assi dos Antigos como dos Modernos, fazendo comparação do que se usa e do que pode ser aplicado no nosso país, de quanto os mesmos Antigos diziam: *regio felix est et omnibus magnis et parvis irrigua* (Strabão). Ajuntei alguns passos de Camões quando ele ou imita a Virgilio ou trata da mesma matéria".

Tenha ou não sido contemplada com o prémio da Academia (nada consta mas o facto de uma nota no manuscrito nos informar que foi dada à estampa na data acima indicada sugere que o terá recebido), Bocage (que por esse tempo entrara também pelos domínios da tradução de Virgílio) considerou boa esta tradução, e José Maria da Costa e Silva, meio século mais tarde, havia de apontá-la como superior na versificação à do P. e Furtado. Menéndez Pelayo acusa-a de falta de

fidelidade e de ser mais um compêndio do que uma tradução, onde falta o pensamento do autor que é substituído pelo do intérprete. António José de Lima Leitão, em 1818, ao confrontá-la com a sua, considerava a do seu quase homónimo "pouco concisa".

Dentro da Academia, novamente Sebastião Francisco de Mendo Trigo (1773-1821) se haveria de ocupar da tradução das *Geórgicas*, em idêntico esquema de apresentação, com notas filológicas e agronómicas. Ao manuscrito se refere M. Menéndez Pelayo que testemunha tê-lo visto em casa de um amigo, o Dr. Deslandes, médico de Lisboa. A obra estava inacabada, pois o livro 4º não havia recebido ainda as notas. Menéndez Pelayo transcreve o início de cada um dos livros. Pelo do primeiro, poderemos reconhecer o grau de fidelidade mantido em relação ao texto virgiliano:

*O que torna fecundas as searas,
Em que tempo convém lavrar a terra,
E atar no ulmo as cepas; que desvelos
Os dois requerem, quanto mimo o gado,
E quanta prática as frugais abelhas...*

Enquanto poetas menores, como Francisco Manuel Gomes de Silveira Malhão, em 1792, incluía na sua *Vida e Feitos*²¹ "as quatro primeiras écloas de Virgílio", José Rodrigues Pimentel e Maia traduzia alguns passos das *Geórgicas*²², e o proscrito P. e Francisco Furtado, da Companhia de Jesus, vertia em Itália as obras de Virgílio. Desta tradução apenas nos restam alguns passos transcritos por José Maria da Costa e Silva, a partir da cópia realizada em Roma pelo Visconde da Carreira. Um pouco parafrástica, e abusando de epítetos, defeitos inevitáveis, no dizer do seu crítico, para quem tenta traduzir em oitava um poema latino ou grego, apresenta trechos que Costa e Silva não pode deixar de qualificar de excelentes pela expressão e pelo metro. Assim: *O elogio da Itália, Os agouros pela morte de César, Os trabalhos de enxertia, Os touros furibundos, Os trabalhos das abelhas*.²³

No século XIX, apenas temos menção de uma outra tradução das *Écloas* que tenha ficado em manuscrito e se perdeu, a de Luís Vicente de Simoni, referida por Inocêncio Francisco da Silva. A produção impressa é relativamente larga, cabendo 11 traduções às *Bucólicas* e 9 às *Geórgicas*. Por outro lado, a erudição de críticos como Costa e Silva estabelecia o confronto entre as várias traduções existentes, e o Visconde de Azevedo, autor, segundo Camilo, da melhor tradução para português²⁴, homenageava o estro de Bocage, incluindo na sua obra a tradução que Elmano fizera da 5ª *Bucólica*.

O panorama das traduções da *Eneida* não é muito diverso deste, até porque, em muitos casos, os autores são os mesmos. Perspektivámo-lo noutra altura e noutra lugar²⁵ e não será agora o momento de aí voltar, já que pretendemos apenas inventariar elementos e não tanto fazer uma interpretação global ou sectorial dos dados.²⁶

Apenas também a título indicativo, apontemos o quadro cronológico da distribuição dos tradutores e traduções virgilianas para português, sabendo muito embora que tal quadro não é mais que uma via aproximativa e pode ser algum tanto enganoso por não atender às motivações que os movimentos culturais aqui envolvidos poderão oferecer.

Bucólicas

Séculos	XVII	XVIII	XIX	XX	TOTAL
Manus.		1	1(-1)		2(-1)
Impres.	3	3	11	1	18
TOTAL	3	4	12(-1)	1	20(-1)

Geórgicas

Séculos	XVII	XVIII	XIX	XX	TOTAL
Manus.		5(-1)			5(-1)
Impres.	3	1	9	2	15
TOTAL	3	6(-1)	9	2	20(-1)

Eneida

Séculos	XVII	XVIII	XIX	XX	TOTAL
Manus.	4(-2)	7(-2)	2(-2)		13(-6)
Impres.	3	2	13	9	27
TOTAL	7(-2)	9(-2)	15(-2)	9	40(-6)

Este quadro traduz um elenco algo disperso e que deveria ser examinado de perto até porque nalguns casos estamos diante de pequenos trechos. A sequência cronológica poderá esclarecer certos fenómenos de concentração e de dispersão; assim as traduções das Bucólicas, no séc. XVIII concentram-se entre 1770-1800. Estabeleçamos pois o elenco nominativo e cronológico de tais traduções.

Traduções portuguesas das Bucólicas e as Geórgicas de Virgílio

1. Leonel da Costa, *As Éclogas e as Geórgicas de Vergílio*, Lisboa, 1624.
2. José Vaz Pinto de Sousa, *Thesaurus Musae Virgilianae in quo germanus verborum ordo lusitano primum idiomae uberiores deinde rerum notae inveniuntur*, Braga 1624.
3. Gaspar Pinto Correia, *Commentarii in P. Virgilium Maronem ...Tomus primus complectens Eclogas et Georgicas*, Lisboa, 1640.
4. Francisco José Freire (Cândido Lusitano), *Éclogas de Virgílio*, 1770 (Ac. Ciências de Lisboa, Ms. Az. 166).
5. José Anastácio da Cunha (1744–1787), *Georg. II*, 458–492 e 539–40, cfr. Hernâni Cidade, *A obra poética de José Anastácio da Cunha, com um estudo sobre o anglo-germanismo dos proto-românticos portugueses*, Coimbra, 1930, pp. 92–93.
6. Manuel Bernardes da Silva Portilho, *Geórgicas*, 1781 (Ac. Ciências de Lisboa, Ms. V. 210).
7. Manuel Dionísio de S. José, *Geórgicas*, Baía, 1781 (Ac. Ciências de Lisboa, Ms. Az. 208).
8. Anónimo, *Geórgicas de Virgílio, com notas úteis aos lavradores*, (Ac. Ciências de Lisboa, Ms. Az. 343).
9. Francisco Manuel Gomes de Silveira Malhão, *Éclogas I–IV*, in *Vida e Feitos de F.M.G.S.M.*, Tomo I, Lisboa, 1792, pp. 183–209.
10. António José Osório de Pina Leitão, *Tradução livre, ou imitação das Geórgicas de Virgílio, em verso solto*, Lisboa, 1794.
11. Manuel Maria de Barbosa du Bocage, *Écloga V* in *Rimas*, Lisboa 1799 tomo II, pp. 126–132.
12. José Pedro Soares, *Éclogas de Virgílio em verso*, Lisboa, 1800.
13. Sebastião Francisco de Mendo Trigo (1773–1821), *Geórgicas* (o original foi visto por Menéndez Pelayo na posse do Dr. Deslandes, médico de Lisboa; cfr. M. Menéndez Pelayo, *Bibliografía hispano-latina clássica*, Madrid, tomo X, 1952, p. 231).
14. José Rodrigues Pimentel e Maia, *Geórgicas (...)* in *Obras Poéticas* tomo I. Lisboa, 1805; cfr. Inocência, V, pp. 116–7.
15. Francisco Furtado, *Obras de Virgílio* (apenas se conservam alguns passos das Geórgicas, cujo manuscrito foi copiado em Roma pelo Visconde da Carreira e consultado por José Maria da Costa e Silva e por Inocência Francisco da Silva, que o descreve "1 vol., fol. pequeno, 190 pp. não numeradas, com prefácio e 577 oitavas"; J. M. Costa e Silva, *Ensaio biográfico-crítico sobre os melhores poetas portugueses*, tomo VI, Lisboa, 1853, insere alguns passos desta tradução; o P. Roquette aproveitou desta tradução o *Apêndice às Geórgicas de Virgílio*, Paris, 1846).
16. António José de Lima Leitão, *Obras de Públio Virgílio Marão, Tomo I contendo as Bucólicas e as Geórgicas*, Rio de Janeiro, 1818; com correcções, Lisboa, 1842.
17. José Maria Dantas Pereira de Andrade, *Geórgicas, II*, 458–489, in *Diversões métricas e dramáticas*, 1824, pp. 75–78.
18. António Teixeira de Magalhães, *Nova tradução das Éclogas de Virgílio, com notas*, Porto, 1825.

80 Traduções portuguesas de Virgílio

19. Francisco António Martins Bastos, *Éclogas de Virgílio*, Lisboa, 1844 (publicadas primeiramente no *Ramalhete*, VI, 1843, pp. 39, 63, 87, 95, 103, 135, 150, 174, 191, 271, 383, 391).
20. João Nunes de Andrade, *Bucólicas, Diálogo pastoril de Virgílio*, Rio de Janeiro, 1846.
21. Francisco Freire de Carvalho, *As Geórgicas de P. Virgílio Marão*, Lisboa, 1849.
22. Ernesto Correia Martins, *Tradução das Éclogas do exímio poeta P. Virgílio Marão*, Lisboa, 1851.
23. (Manuel Nunes Godinho) – O Pae Novo, *Comentário ou interpretações das dez Éclogas ou Bucólicas*, por um pastor nabantino, Lisboa, 1863.
24. Manuel Odorico Mendes, *Virgílio Brasileiro – Bucólicas e Geórgicas*, Paris, 1858.
25. António Feliciano de Castilho, *As Geórgicas de Virgílio*, Paris, 1867.
26. Francisco Lopes de Azevedo Velho da Fonseca (Visconde de Azevedo), *Dissertações métricas do Visconde de Azevedo*, Porto, 1868 (a tradução da V Écloga é tomada de Bocage; as restantes são do próprio).
27. João Felix Pereira, *Geórgias de Virgílio*, Lisboa, 1875 (inicialmente publicadas em *Revista Agrícola*, 1873, nº 7 ss.).
28. João Félix Pereira, *Éclogas de Virgílio*, Lisboa, 1875.
29. Luis Vicente de Simoni, *Éclogas de Virgílio* (cfr. Inocência).
30. Lucindo Filho, *Vergilianas (Ecl. II e VII; e IV)*, Vassouras, 1883 e 1888.
31. Manuel Bernardes Branco, *Geórgicas de Virgílio*, Lisboa, 1889.
32. Joaquim Coelho de Carvalho, *Éclogas de Virgílio*, Lisboa, 1901.
33. Ruy Mayer, *Geórgicas (I-III)*, Lisboa, 1948.
34. Nicolau Firmino, *As Abelhas (4ª Geórgica)*, Lisboa, 1966.

Traduções portuguesas da Eneida

1. D. Marcos de S. Lourenço, *I Canto da Eneida*, Lisboa, Biblioteca da Ajuda, Ms. 46-VIII-40 (antecede os Comentários a os Lusíadas, cujo final do canto III está datado de 10 de Março de 1633)
2. José Vaz Pinto de Sousa, *Thesaurus Musae Virgilianae in quo germanus verborum ordo lusitano primum idiomate uberiores deinde rerum notae inveniuntur*, Braga, 1624
3. Leonel da Costa, *A Eneida de P. Vergílio Marão, traduzida em verso solto portuguez*. Lisboa, B.B., Cod. 3322 (ms. autógrafo datado do Santo Ofício, ao qual foi apresentado para as respectivas licenças, em 1638); B.N., Cod. 3213-18 (cópia mandada executar por António Ribeiro dos Santos)
4. Gaspar Pinto Correia, *Commentarii in P. Virgilium Maronem, nunc primo iuxta ordinem uerborum post tamen uberioribus notis locupletandi*, Lisboa, 1640-44
5. João Franco Barreto, *Eneida Portuguesa*, Lisboa, 1664-1670
6. Manuel de Carvalho Ribeiro de Castelobranco (n. 1677), *Eneida* (ref. in *Biblioteca Lusitana*)
7. Francisco de Pina e Mello (n. 1695), *Eneida de Virgilio em 8ª rima* (ref. in *Biblioteca Lusitana*)
8. Rodrigues, *Parafrasi da Eneida*, Lisboa, B.N., Cod. 11058 ms. que pertenceu à col. Guilford e à Biblioteca de Sir Thomas Philips – ms. 7714); apresenta o texto com comentário e tradução, em 8ª rima, dos seis primeiros cantos; o nome do autor apenas aparece na lombada; datável do séc. XVIII
9. Francisco José Freire (Cândido Lusitano), *Eneida*. Lisboa, Academia das Ciências, Ms. Az. 162-165 (ms. datado de 1769-70)
10. Francisco Furtado, *Eneida* (ref. in J.M. Costa e Silva, *op. cit.*, VI, pp. 325-363)
11. Francisco José Monteiro de Barros, *Eneida (II livro)*; ref. in M. Menéndez Pelayo, *op. cit.*, VIII, p. 394
12. Luis Ferraz de Novaes, *Eneidas de Virgilio em verso livre*, Lisboa, 1790 (julga-se que a portada da edição é apócrifa e que a versão pertence a seu irmão, Pedro Viegas de Novaes)
13. Anónimo, *Virgilio feito portuguez interpretado e illustrado em partes (cantos I-XI)*, Lisboa, ANTT, Real Mesa Censória, nº 1261 (ms. com tradução em decassílabos, datado de 1784)
14. Anónimo, *Eneidas de Virgilio (canto I)*, Lisboa, ANTT, Real Mesa Censória, nº 4055 (Datável, pela filigrana do papel, do séc. XVIII)
15. Anónimo, *Eneidas*, Lisboa, 1790
16. Inácio da Costa Quintela, *Eneida* (ref. em Inocêncio, III, p. 206, o qual considera duvidosa a existência desta tradução)
17. Luiz José Lopes Carneiro Pereira, *Eneida de Virgilio traduzida em verso portuguez para seu uso*, ms., Porto, 1801 (dela dá testemunha M. Bernardes Branco, in *O Panorama*, XVI, 1866, pp. 349-351, onde transcreve o início do canto IV)
18. José Rodrigues Pimentel e Maia, *Eneida (trechos)*, in *Obras Poéticas*, Lisboa, 1805-7 (ref. in Inocêncio Francisco da Silva)

19. António Ribeiro dos Santos, *Trechos do I Liv. da Eneida*, in *Poesias de Elpino Duriense*, Lisboa, 1812, tomo I, pp. 349-65
20. Manuel Matias Vieira Fialho de Mendonça. A sua tradução da Eneida perdeu-se; apenas se conhece um frag. do liv. IV, publ. em 1814, no *Investigador*, Londres, e reproduzido no *Instituto*, Coimbra, 1864, II, pp. 274-5. Segundo M. Menéndez Pelayo, *op. cit.*, constitui a melhor tradução portuguesa de Virgílio
21. Francísico Manuel do Nascimento (Filinto Elísio); trad. do episódio de Niso e Euríalo, *En. IX*, in *Obras Completas*, I vol., Paris, 1817
22. António José de Lima Leitão, *As Obras de Publio Virgílio Maro, traduzidas em verso portuguez, anotadas*, Rio de Janeiro, 1818-19
23. Francisco Evaristo Leoni; trad. da morte de Príamo, *En. II*, in *Obras completas*, Lisboa, 1836, p. 109
24. João Gualberto Ferreira dos Santos Reis, *Eneida de Publio Virgílio Maro*, Baía, 1845-6
25. José Victorino Barreto Feio - José Maria da Costa e Silva, *Eneida de Virgílio Maro*, Lisboa, 1846-7 (a partir do livro IX, a tradução pertence a J.M. da Costa e Silva)
26. João Nunes de Andrade, *Amores de Dido com Eneas; tradução da quarta Eneida de Virgílio*, Rio de Janeiro, 1847; *Tradução do terceiro livro da Eneida de Virgílio*, Rio de Janeiro, 1849
27. José Bonifácio de Andrade e Silva; deixou inédita (m. 1838) a tradução, com comentário, de uma parte da Eneida (cfr. M. Menéndez Pelayo, *op. cit.*)
28. Manuel Odorico Mendes, *Tradução poética da Epopeia de Públio Virgílio Maro*, Paris, 1854
29. Carlos Norris, *Interpretação da Eneida de Virgílio*, Lisboa, 1855
30. João Félix Pereira, *A Eneida de Públio Virgílio Maro, traduzida do original em verso endecassílabo*, Lisboa, 1879 (ms. aut. B.N. Cod. 6863-7)
31. Ângelo Caetano Ribeiro, *Eneida de Virgílio*, Bombaim, 1883
32. Anónimo, *A Eneida de Virgílio (l. I-III)*, Lisboa, 1900
33. Almeida Neto, *A Eneida*, Pernambuco, 1901
34. Anónimo, *A Eneida*, Lisboa, 1901
35. Joaquim Coelho de Carvalho, *A Eneida de Virgílio lida hoje*, Lisboa, 1908
36. Leopoldo Pereira, *Eneida*, Belo Horizonte, 1920
37. Artur Bivar, *Eneida (I-IV)*, in *Dominus Tecum*, Braga, 1926
38. Nicolau Firmino, *A Eneida de Virgílio*, Lisboa, 1941
39. M. Correia, *A Eneida*, Lisboa, 1977
40. Cascais Franco, *A Eneida* (trad. do francês), Lisboa, 1982

Fazer o inventário de todas as tentativas para levar Virgílio a falar português, como se exprimia António José Osório de Pina Leitão, é certamente ficar no vestíbulo de um trabalho mais aturado que importaria levar a cabo a fim de auscultar a presença de Virgílio entre nós. Até porque algumas dessas tentativas não foram

além do esboço de tradução justalinear, como José Vaz Pinto de Sousa, Gaspar Pinto de Sousa, seu irmão, e Manuel Nunes Godinho; outras ficaram em fase bastante rudimentar e outras tentaram talvez o impossível.

Quem lia Virgílio? Como o lia? Porque o lia? São interrogações que interessarão tanto o filólogo como o historiador da cultura e o sociólogo da leitura e do livro. O estudo comparativo dessas traduções será sem dúvida importante para se perceberem as variantes de informação linguística ou de componentes literárias. Mas não deixará de ter interesse indagar também as motivações e os condicionamentos de tais traduções. Porque, no ano bimilenário da morte de Virgílio, se publica em Lisboa uma tradução feita sobre uma versão francesa que nem sequer é identificada?... Curiosamente, na sessão da Academia Real das Ciências que propõe um prémio para a tradução das Geórgicas, instituem-se também "quatro prémios, além de outros, para os criadores de bichos de seda que mostrassem ter criado neste ano, no termo de Lisboa, mais de 15 arráteis de casulos" e bem assim "outros tantos prémios iguais que são de valor de 24\$000 reis cada um, com uma medalha de prata", para o ano de 1787. No seu proémio, Pina Leitão faz alarde de nomes espalhados por toda a Europa que assinam trabalhos de agricultura. E são ainda agrónomos como João Felix Pereira e Ruy Mayer que nos dão duas das últimas traduções das Geórgicas. Leitura interessada de Virgílio? Até onde o prazer estético ultrapassa a curiosidade erudita? E até que ponto será ainda possível fazer chegar, com a qualidade necessária, a mensagem virgiliana aos homens dos nossos dias, sem que ela seja atropelada por perspectivas comerciais? Uma interrogação que afinal apenas possa ser respondida se porventura hoje surgir alguém capaz de levar Virgílio a falar português.

NOTAS

1. *Estudos de Literatura*, 4^ª ser., Lisboa, 1921-22, pp. 233 ss.
2. Se fosse preciso, todavia, apontar um exemplo em contrário apontaríamos o da Prof^ª Maria Helena da Rocha Pereira que estudando o legado clássico em Bocage sublinhou o trabalho de Elmano como tradutor de textos clássicos. Veja-se *Temas Clássicos na Poesia Portuguesa*, Lisboa, 1972, pp. 129-172 (= *Humanitas*, XIX-XX, 1968-69, pp. 267-302).
3. Curiosamente a tradução das Bucólicas feita pelo Visconde de Azevedo, e que Camilo considerava como a melhor versão portuguesa, terá tido uma tiragem reduzida de 40 exemplares, apenas para amigos... (Cfr. M. Menéndez Pelayo, *Bibliografía hispano-latina clásica*, vol. X, Madrid, 1952, p. 233, o qual lamenta não ter podido consultar qualquer exemplar. Existe efectivamente na B.N. em Lisboa, onde tem a cota de L 11873 V).
4. Recordemos a existência, por ex., da pequena obra de Sebastião José Guedes e Albuquerque, *Arte de Traduzir do latim para português*, Lisboa, 1818.

5. Ao estabelecermos este quadro de referência, temos presentes casos concretos da tradução dos poemas virgilianos. Não nos demoramos a apontá-los um por um, até para não anteciparmos o que diremos mais abaixo.
6. Já, por ex., José Maria da Costa e Silva censurou Leonel da Costa por não reparar que *curru*, na 5ª Écloga, é dativo e não ablativo. Cfr. *Ensaio biographico-crítico sobre os melhores poetas portugueses*, tomo VI, Lisboa, 1853, p. 185.
7. O Visconde de Azevedo, por ex., serve-se da tradução da 5ª Bucólica feita por Bucage. O reconhecimento do mérito nisso implícito está também enunciado em J.M. da Costa e Silva, *op. cit.*, ao estabelecer confronto com Leonel da Costa.
8. Assim, e para nos mantermos no enquadramento virgiliano, José Maria da Costa e Silva recolhe e continua o legado de José Victorino Barreto Feio. Os irmãos José Vaz Pinto de Sousa e Gaspar Pinto Correia terão trabalhado em colaboração (cfr. Inocência Francisco da Silva).
9. É assim que Menéndez Pelayo interpreta a voga alcançada pela tradução comentada das Bucólicas e Geórgicas feita por Leonel da Costa. A divulgação dever-se-ia ao facto de "não haver outra, nem melhor nem pior" (*op. cit.*, vol. IX, p. 229).
10. Pelo que pudemos recolher, nem Menéndez Pelayo nem Fidelino de Figueiredo abrangem tal âmbito, muito embora possam constituir um ponto de apoio. Será necessário, por vezes, rever as referências, pois acontece que a própria fonte, onde a indicação foi recolhida, não é exacta.
11. Propositadamente falamos de exemplos menos significativos, pois não é pelo facto de o serem que eles deixam de contribuir para situar os restantes num quadro mais completo da tradução como elemento cultural.
12. F. Rebelo Gonçalves, "Reminiscências de Virgílio na literatura medieval Portuguesa", *Filologia e Literatura*, S. Paulo, 1937, pp. 231-46.
13. Recordou-o recentemente, no Congresso comemorativo do bimilenário da morte de Virgílio, a Profª Maria Helena da Rocha Pereira, salientando tratar-se da mais antiga referência em língua portuguesa à 4ª bucólica. Encontra-se Virgílio citado no "Prólogo que fez o Doutor Vasco Fernandes de Lucena à Oração que trasladou do Deão de Virge, Embaixador do Duque Filipe de Borgonha, à morte do Infante D. Pedro"; cfr. J.M. Piel, na sua introdução ao Livro *dos Offícios de Marco Tullio Cicerem o qual tornou em linguagem o Infante D. Pedro*, Coimbra, 1848. p. LII. Sublinhe-se também que o único passo de citação virgiliana registado em S. António (onde Virgílio, de resto, é dado sob a denominação de "o poeta") é justamente um passo da 4ª bucólica, com lição variante relativamente à vulgata: *En nova progenies de caelo demittitur alto*. Tão magra colheita poderá mesmo significar que o passo foi tomado indirectamente ou nalgum florilégio. Outro tanto se terá eventualmente de dizer quanto a uma das leituras para o dia 24 de Dezembro que ocorrem num leccionário de Braga do séc. XIII; cfr. Avelino de Jesus da Costa, "Geórgicas de Virgílio - Fragmentos portugueses do séc. XI", *Humanitas*, IV-V, 1956, pp. 220 ss.
14. *The Eclogues of Henrique Cayado*, ed. e not., por Wilfred P. Mustard, Baltimore, 1931; Tomás da Rosa, "As éclogas de Henrique Caiado", *Humanitas*, II-III, 1953-4, pp. 103-187, onde a par do texto se apresenta a tradução. Cfr. também, José Goes Gomes, *Logares em que o nosso Henrique Cayado imitou Virgílio*, Évora, B.P.M., Cod. CXXVII/2-4ª fol. 25ss. O levantamento de reminiscências é feito pormenorizadamente nas notas da ed. de W.P. Mustard; importará, no entanto, reconhecer e insistir na necessidade da discriminação efectiva entre o que é transposição de situações, a apropriação de vocabulário e sintaxe, e o que pode não passar de simples coincidência. Veja-se, de resto, a crítica pertinente que neste aspecto fez àquela edição o Prof. F.

- Rebelo Gonçalves, *Filologia e Literatura*, São Paulo, 1931, pp. 474-486 (=Revista da Faculdade de Letras de Lisboa, I, nº 1 e 2 pp. 305-314),
15. Cfr. Flávio Henriques Vara, *Virgílio e a Écloga Portuguesa de Quinhentos*, diss. lic., Lisboa, 1963; Id., "A Primeira Bucólica de Virgílio nas éclogas portuguesas de Quinhentos", *Euphrosyne*, nov. ser. vol. V, pp. 507-522; Marcial José Bayo, *Virgilio y la pastoral española del Renacimiento (1480-1550)*, Madrid, 1970, onde se acentua que "a elevação estética dos Autos Pastoris de Gil Vicente se faz sem o concurso do bucolismo virgiliano" (p. 10), mas se analisa o bucolismo de Bernardim em função de Virgílio. Cfr. igualmente Maria Helena da Rocha Pereira, "Alguns aspectos do Classicismo de António Ferreira", in *Temas clássicos na Poesia Portuguesa*, Lisboa, 1972, pp. 37-76 (=Humanitas, XI-XII, 1959-60, pp. 80-111). Citaremos ainda o ms. de Évora já acima mencionado, onde o P. José de Goes Gomes apontou *Logares em que Bernardim Ribeiro imita a Virgílio*, Évora, B.P.M., Cod. CXXVII/2-4 a fol. 27 ss.
 16. Muito oportunamente, o Prof. Américo da Costa Ramalho no-lo lembrava numa intervenção no Congresso Comemorativo do bimilenário da morte de Virgílio, citando a propósito, o nome de João Vaz, que em 1501 cita textos clássicos, e recordando a facilidade com que ao tempo se importavam livros do estrangeiro. A Biblioteca Nacional, em Lisboa, conserva alguns incunábulo virgilianos, mas sem um conhecimento exacto da sua proveniência e dos seus proprietários seria certamente imprudente e abusiva qualquer ilação neste domínio.
 17. Recorde-se que a tradução da Eneida em Castelhana, por D. Enrique de Aragão, data de 1428, enquanto que as Bucólicas são traduzidas em italiano, por B. Pulci, em 1481, e Fossa de Cremona em 1494. Cfr., entre outros, M. Menéndez Pelayo, *op. cit.*; R.R. Bolgar, *The Classical Heritage and its Beneficiaries*, Cambridge, 1973, pp. 538 ss.; Gilbert Highet, *La tradición clásica*, trad. esp., México, 1954, Vol. I, pp. 199.
 18. Certamente que aqui podemos também reconhecer o conhecimento de Leonel da Costa quanto a tradutores portugueses para outros textos clássicos. Veja-se um panorama destes tradutores no artigo de Luís Sousa Rebelo, "Tradutores de Clássicos Gregos e Latinos", in *Dicionário de Literatura*, dir. Jacinto do Prado Coelho, Porto, 1969².
 19. Deixada em manuscrito, Lisboa, B.N., Cod. 3322, ocupámo-nos dela noutra ocasião e para aí remetemos: "A Primeira Tradução Portuguesa da Eneida", *Revista da Biblioteca Nacional*, Lisboa, 1 (2), 1981, pp. 199-221.
 20. No Ms. Az. 343, encontramos, porém, uma anotação em que se esclarece incluírem-se ali "Obras de Literatura Portuguesa, oferecidas à Academia Real das Ciências de Lisboa e que não foram julgadas dignas de impressão".
 21. E não nas *Poesias oferecidas aos amigos de toda a Ordem*, Lisboa, 1802, como erroneamente indica F. Inocêncio da Silva (II, pp. 435-436), o que tem sido fonte de enganos para os restantes que a esta tradução se referem.
 22. Assim encontramos nas obras de referência, tendo-nos sido impossível encontrar qualquer das suas *Obras Poéticas* que saíram em folhetos em Lisboa, 1805-7 (cfr. Inocêncio, V, pp. 116-117; Raimundo de Menezes, *Dicionário Literário Brasileiro*, S. Paulo, 1969).
 23. José Maria da Costa e Silva, *Ensaio biographico-crítico...*, Lisboa, 1853, vol. VI, pp. 325-362.
 24. A opinião é referida por M. Menéndez Pelayo, *op. cit.*, mas não conseguimos identificá-la na obra camiliana.

86 Traduções portuguesas de Virgílio

25. Seja-nos permitido remeter para "A Primeira tradução portuguesa da Eneida", já citada, e para "Traduções portuguesas da Eneida em manuscrito", a aparecer nas Actas das Comemorações do Bimilenário de Virgílio.
26. A fazer-se, teríamos que ter em consideração o conjunto das traduções dos clássicos e não apenas o imediato interesse por Virgílio.